



3296 - Trabalho Completo - 2ª Reunião Científica Regional Norte da ANPEd (2018)
GT 24 - Educação e Arte

ENTRE PINTURA E ESCRITURA: A ARTE ENQUANTO LIMIAR DA EXISTÊNCIA EM CLARICE LISPECTOR.

Fabiola de Fátima Igreja -

Gilcilene Dias da Costa - UFPA - Universidade Federal do Pará

Resumo: As discussões que permearão estas linhas pretendem pensar por multiplicidades. Os pensamentos reverberam-se em vozes também múltiplas, que se dão pelo meio, pelos *platôs* da literatura, da arte, da vida e da morte em seu limiar, e então seguem pelas travessias, seguiremos também, iniciaremos pelas travessias de Clarice, da arte que se apresenta em um impulso inquietante dentro de uma terrível incompreensão que depois descobre-se ser *dádiva*. Aberturas que se tecem em suas páginas e transbordam... transbordam... até que vertem sentidos transformando-se em vermelho, amarelo, negro, azul, e se entrelaçam nas linhas e pinturas de suas telas. A construção deste texto seguirá os percursos cartográficos de uma experimentação com literatura e arte em Clarice Lispector e tecerá interlocuções com Nunes (2009; 1989), Moser (2003), Sousa (2013), Ianace (2009), Almeida (2004), Deleuze (1995; 1997), Deleuze e Guattari (1995), Gallo (2003), Passos, Kastrup, Escóssia, Tedesco (2014; 2015). Clarice vivia a arte intensamente e além de escrever criava obras plásticas que como sua literatura, têm muito a contribuir aos estudos da educação e arte por um pensar que se faz por multiplicidades, pelas cartografias das personagens clariceanas que movimentam sentidos de uma educação múltipla.

ENTRE PINTURA E ESCRITURA: A ARTE ENQUANTO LIMIAR DA EXISTÊNCIA EM CLARICE LISPECTOR.

Resumo: As discussões que permearão estas linhas pretendem pensar por multiplicidades. Os pensamentos reverberam-se em vozes também múltiplas, que se dão pelo meio, pelos *platôs* da literatura, da arte, da vida e da morte em seu limiar, e então seguem pelas travessias, seguiremos também, iniciaremos pelas travessias de Clarice, da arte que se apresenta em um impulso inquietante dentro de uma terrível incompreensão que depois descobre-se ser *dádiva*. Aberturas que se tecem em suas páginas e transbordam... transbordam... até que vertem sentidos transformando-se em vermelho, amarelo, negro, azul, e se entrelaçam nas linhas e pinturas de suas telas. A construção deste texto seguirá os percursos cartográficos de uma experimentação com literatura e arte em Clarice Lispector e tecerá interlocuções com Nunes (2009; 1989), Moser (2003), Sousa (2013), Ianace (2009), Almeida (2004), Deleuze (1995; 1997), Deleuze e Guattari (1995), Gallo (2003), Passos, Kastrup, Escóssia, Tedesco (2014; 2015). Clarice vivia a arte intensamente e além de escrever criava obras plásticas que como sua literatura, têm muito a contribuir aos estudos da educação e arte por um pensar que se faz por multiplicidades, pelas cartografias das personagens clariceanas que movimentam sentidos de uma educação múltipla.

Palavras-chave: Arte; escritura; Pintura; Clarice Lispector.

ABERTURAS

Desde o seu surgimento a arte sempre permeou a sociedade vestida por conceituações que, em sua maioria, voltam-se à formação como sinônimo de conhecimento e erudição e atualmente como um meio de servir ao *sujeito da informação*. Mas aqui, ensaiamos pensa-la por outro viés; apenas permitir que nos dê o que pensar sobre nós, o mundo, a existência, repensar as relações firmadas por meio desses espaços onde ela possa vir a se figurar como lugar de abertura ao *fluxo da vida*.

Assim como pela sua poesia em prosa, suscita em forma de um questionar a linguagem de maneira tão poética quanto filosófica. Desta forma, propusemos pensar o educar, o ler, o vivenciar uma linguagem outra na relação com o mundo, pois divergimos de uma concepção mercadológica da literatura que promove a objetificação da leitura em detrimento de seu sentido criador.

Pela linguagem inventa-se, fabula-se, pois, "a função fabuladora não consiste em imaginar nem em projetar um eu. Ela atinge, sobretudo, essas visões, eleva-se até esses devires ou potências" (DELEUZE, 1997, p.7). E retomando Deleuze (1997) que diz não haver linha reta nem nas coisas nem na linguagem, penso que o existir também não é uma linha reta, vivemos em *desvios* e nos desvios da linguagem artística repousaremos a fim de pensar a multiplicidade que nos compõe e nos torna bela incompletude, pois a arte "está antes do lado informe, ou do inacabamento. (...) É um processo, ou seja, uma passagem de vida que atravessa o vivível e o vivido", abrimo-nos, então, à possibilidade de falar de outros modos, para fazer saltar sentidos estéticos e formativos da arte potencializando sua função fabuladora que não consiste em uma mera imitação da realidade, ou uma descrição do que seja considerado real, mas uma recriação do mundo. Algo a imantar os espaços em que se pode ser além, linhas de fuga. Alçar voos rumo a um poetizar da arte por qual se permita desautomatizar pensamentos é o desejo maior deste trabalho.

Deste modo, as questões que nortearam este trabalho se deram em torno do movimento do repensar os espaços da arte e suas relações com a existência, com a formação; correrão, pois, por algumas vertentes, a saber, a linguagem artística, pelas obras da escritora Clarice Lispector e pela filosofia da Diferença articulada ao campo da Educação, buscando pensar uma educação múltipla. A partir destas tramas rizomáticas, saltam algumas questões problematizadoras, buscando-se investigar: Como ler/traduzir as mulheres de Clarice por entre suas linhas e cores? Que desconstruções e nascimentos podemos vislumbrar a partir de uma educação múltipla? Como fabular a arte e a literatura de Clarice por uma perspectiva do devir e da

multiplicidade na Educação?

A partir destes questionamentos lançamo-nos à discussão em torno da arte como abertura ao pensar, à desconstrução da linguagem usual que se perpetua no âmbito educacional e permeia as relações que se tecem por entre a cotidianidade, aprisionando-nos em uma realidade estática e fazendo-nos resistentes à *experiência*. O desejo é fazer falar uma voz outra, vozes que reverberam da voz que é palavra e pincel, linhas que são formas densas, que carregam uma marca singular por pluralidade única.

Para pensar estas questões pretende-se iniciar a caminhada, pelo viés da literatura e das artes plásticas, por entre os vestígios de pensamentos da escritora Clarice Lispector (1922-1977) invadindo, sem pudor, seus escritos para extrair sentidos diversos das vivências de suas personagens que se entrecruzavam nas linhas e formas de suas tintas imergir na confusão e na confusão habitar a beleza de uma educação múltipla.

O estudo consiste, primeiramente, em uma pesquisa em torno da vida e obra de Clarice Lispector, sobretudo, as relacionadas *accorpus*, especialmente, Benedito Nunes "O dorso do tigre" (2009), "O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector" (1995), além de Benjamin Moser (2003). Como suporte teórico às telas de Clarice, contaremos com a obra de Carlos Mendes de Sousa (2013), Ricardo Ianace (2009), Joel Rosa de Almeida (2004).

Buscaremos ainda, leituras que suscitem discussões em torno da arte literária em perspectiva filosófica, com Gilles Deleuze em *Crítica e Clínica* (1997), a partir de experimentações com Deleuze e Guattari (1995; 1997) buscaremos em *Mil platôs* vol. 1 e 4, ainda, relacionando ao campo da educação, traremos Silvio Gallo (2003).

Trazendo a cartografia enquanto perspectiva rizomática da pesquisa, dialogaremos com Deleuze e Guattari (1995,) em *Mil platôs* vol. 1 e as pistas cartográficas com Passos, Kastrup, Escóssia, Tedesco (2014; 2015).

Busca-se, assim, potencializar estas sensações por meio do encontro com as artes clariceanas. A palavra. Os pincéis. A arte que será nossa travessia. Por dentro da linguagem, vislumbrar outras linguagens, pois o diálogo, e a desconstrução são procedimentos que vertem das artes e do encontro com os escritos de Lispector que deixam ver em seus enredos personagens que se desconstruíram de um padrão ideal ao experimentar viver suas multiplicidades dando a exercer aqui modos de pensar uma educação outra.

ARTE COMO UM CASO DE DEVIR

Imagem 1

Clarice Lispector, Eu te pergunto por qu(e) ? 1975

Eu te pergunto por que a arte te move como um impulso violento e tenro em movimento simultâneo. Ela enerva em ti os excrementos malditos, as dores do vazio, as dores da plenitude. Ela, a arte, é tua seara, ela é teu limiar de vive e não-viver. O que sente, então, enquanto não escreves? O que vive enquanto se perde nas cores que não tem nome? e por não terem nome não se prendem a funções. Amarelo e vermelho, por exemplo, vibram sem querer dizer, não querem transpor amor, alegria ou mesmo dor. Pulsam apenas, são devires as tuas cores e palavras. Devir-arte. Pois a arte é um caso de devir.

"Escrever é um caso de Devir" (DELEUZE, 1997, p. 11). E na criação literária divide-se sentimentos e histórias com personagens, histórias estas que farão parte do universo de cada leitor. A partir de então, entre leitor e escritor permeará uma pluralidade infinita de sentidos nessa *experiência* proporcionada pela obra que, unindo-os os separa, pois, as palavras que o leitor recebera do escritor carregam agora sentidos variados e cada vez dispersos que os afasta e os aproxima em particular envolvimento. Assim, na amplitude da arte,

Quando se é tomado pelo ato de criação, faz-se nascer uma nova língua dentro da linguagem, onde nem mesmo o artista permanece em sua figura, pois, a arte enquanto *experiência* é (trans) formação. Nesse movimento de criação e inquietude o fazer artístico torna-se movimento de desconstrução dos discursos dominantes, das *representações*; se o que predomina é a linguagem utilitarista, a arte inaugura nova língua, *umalingua estrangeira* nos interstícios da linguagem (DELEUZE, 1997), posicionando-se "contra os modos constituídos de ler, de escrever, de pensar, de viver que se nos impõe" (LARROSA, 2004, p. 354). Então qual arte nos interessa? Talvez a resposta esteja no modo como nos dirigimos a ela, recusando-nos a aceitar uma linguagem pronta que nos distraia em um simples pensar o já constituído! Podemos vislumbrar uma literatura que se coloque contra a literatura mercadológica:

É nesse sentido que a arte questiona, contestando perspectivas que nos lançam a linguagem apenas como transmissão de conceitos; nesse infinito questionar somos convidados a rever o que está constituído por dentro dos paradigmas usuais e dos discursos/verdades que se instauram por entre as linguagens, desta forma, a literatura e a pintura realizam-se em processo de renovação das palavras e dos sentidos.

Experimentar a arte não como a expressão propriamente do real, mas a sua "função fabuladora" (DELEUZE, 1997) algo que é capaz de fabular, inventar múltiplos espaços, do pensar, do sentir a apropriar arte não em essência, mas em multiplicidade de sentidos. Rizoma-pensamento.

Se a arte propõe uma subjetividade das maneiras de ver o mundo, nos leva a transpassar também formas constituídas do ler, do sentir, pois a ler enquanto *experiência* é desconstrução de conceitos e certezas, onde o ler não parte de uma prática ou de uma essência, mas segue "em direção ao desconhecido", à incompreensão (LARROSA, 2002).

Nas linhas e formas de Clarice Lispector é possível transitar por uma *experiência* radical de escritura que poderá desaguar em olhos ávidos na busca pela leitura literária. Escrever, para a autora, transpunha o sentido de ofício, havia um sentido outro que era para além de seu entendimento, mas para ela *viver ultrapassa qualquer entendimento*, e era disto que se travava sua escrita, substância para vida. Clarice chegou ao Brasil ainda Haia Lispector, junto com seus pais, era a filha mais nova do casal, fizeram do Nordeste sua primeira casa onde a escritora, ainda na tenra infância, traçou seus primeiros escritos. *Perto do Coração selvagem*, fora a primeira obra que publicou, o romance que a despontou no meio.

Assim, a arte a conduziria em uma entrega, assim como no encontro entre o texto tela e leitor este vislumbre sensações singulares que o levem a enxergar o mundo diferente a partir de outras perspectivas, e ao fechar o livro encontre outros de si mesmo, além daquele que abriu a primeira página, porque: "A *experiência* da leitura converte o olhar ordinário sobre o mundo, num olhar poético, poetiza o mundo, faz com que o mundo seja vivido poeticamente..." (LARROSA, 2004, p. 106).

Ao adentrarmos às páginas de uma obra ou ao observarmos um quadro buscando uma *essência*, vestidos pela pretensão que parte do ter-que-saber,

desencontramo-nos de sua *fruição* e daquilo que ela nos dá a ler além da compreensão; ao permanecermos na mera decodificação negligenciamos o que talvez de mais bonito a literatura pode nos dar, seja a incompreensão de nós mesmos quando tudo que fazemos é já sempre entendermos, pois o que importa afinal? Sabermos o que o texto (autor) quis dizer, ou o que podemos dizer e sentir a partir do que lemos?

JOANA, ÂNGELA E A PINTORA

Abre-se o livro. A primeira página conta de uma mulher. No movimento das coisas banais ela vai surgindo e dizendo e fazendo e... El a não sabe mais quem é. Muda de lugar, de espaço-tempo, muda de voz. Ela tem voz? Nunca se sabe em que cidade, em que país, que línguas. Ela não habita informações, ela apenas acontece. Nasce quase sempre (ou sempre) nas madrugadas, as batidas da máquina de datilografar são os primeiros sons que ouve, tateia o mundo através da fumaça do cigarro que certamente poderia estar acompanhando uma xícara de café. Abre os olhos, ora infância, ora medo, ora silêncio, ora liberdade. Ganha as páginas rapidamente, rastros de vida se alastram pelas horas. Parto. Nascimento e morte se entrecruzam no processo visceral de escrita que toma Clarice. Em movimentos em que o fora da escrita, a escrita e seu fora, lançam as personagens e o ser de cada leitor a viver dentro de um vazio que é plenitude.

As mulheres clariceanas são diferentes e ao mesmo tempo carregam sensações tão aproximadas que se embrincam em livros-rizomas afora. Multiplicidades. É isso! Eu não sou. Somos! Diferenças que se produzem nos encontros. Multiplicidade. Realidade. Forças que se movem além. Reterritorializações a cada escritura. Clarice reterritorializa. Multiplica. O real na própria irrealidade. Multiplicidades:

As multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito. As subjetivações, as totalizações, as unificações, são, ao contrário, processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades. Os princípios característicos das multiplicidades concernem a seus elementos que são singularidades, a suas relações que são devires (...) (DELEUZE E GUATTARRI, 1995, p.8)

As mulheres com quem nos deslocaremos, chamam-se: Joana, personagem de *Perto do coração selvagem*; Ângela, personagem de *Um sopro de vida* e a pintora de *Água viva*. Elas, múltiplas em seus modos de ser, difundem-se em seus rizomas-pensamentos. Ambas serão o movimento, com elas atravessaremos para além das *representações* e suas lógicas para *devir-arte*. Nos desvios e desterritorializações deste trabalho traçaremos pensamentos que se tecerão em territórios de encontro, Clarice escritora. Clarice pintora. Pois a artista Clarice...

"(...) sabia, com a pele do corpo- e da alma- que debaixo de tudo lavra um incêndio. E dedicou-se a dizê-lo, através da linguagem. Nessa medida o campo gravitacional criado por Clarice transcende a dimensão literária, para tornar-se, também, testemunho filosófico místico- e visionário. (PELLEGRINO, 1987, *Apud* SOUSA, 2013)

Elas virão no possível do instante, as mulheres que compuseram a pulsão de uma primeira inquietude. Joana, Ângela, A pintora; e nelas Clarice, devir mulher... é uma tentativa vã de contar-lhe um pouco das sensações capturadas nos desenhos de Clarice, e a trazer os diálogos que pretendemos traçar a partir dos encontros e zonas de vizinhança destas mulheres e enfim todas juntas, em uma escrita rizoma a perspectivar Educação-multiplicidade-mundo-sensação- rizoma, pois para "devir-mulher, devir-criança; devir-animal, vegetal ou mineral; devires moleculares de toda espécie, devires-partículas" (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 55), devir- artista, devir escrita, devires que se tecem em linhas de fuga entre a incompletude e o transbordamento do existir.

JOANA

Sabemos quem somos? Pensamos sobre o que somos além do que está estabelecido a partir do nosso nascimento ou fora dos limites sociais e culturais? Bem! Para Joana o que somos não constitui uma plenitude. Quem seja, realmente, parece impossível exprimir por palavras. Quando está quieta e num rompante vê-se tomada por pensamentos, as vezes nítidos, outros dispersos, é exatamente nesses momentos que se sente mais viva, as palavras possuem o poder de mudar o que quer manifestar, debate-se em um quase expressar, porém, como explicar? Ela é muito além do que construiu por uma *identidade verbal retórica* tecida pela linguagem usual. Mas ela mesma não poderia dizer, embora quisesse exasperadamente expressar o que tateia por entre a inquietude que a faz quase dizer o que sente e quem é:

É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer porque no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo ou pelo menos o que me faz agir não é o que eu sinto mas o que eu digo. Sinto quem sou e a impressão está alojada na parte alta do cérebro, nos lábios- Na língua principalmente-, na superfície dos braços e também correndo dentro, bem dentro do meu corpo, mas onde, onde mesmo, eu não sei dizer. (LISPECTOR, 1998, p. 21)

Joana, a personagem de *Perto do coração selvagem*, é a própria imagem da inquietude humana, sentindo-se estranha no mundo segue a procurar dentro de si algo que não tem nome. A inquietude é superior as relações erguidas em meio às convenções, como o amor pelo marido Otávio, o convívio na casa dos tios, o pai, o professor. Em um constante diálogo consigo, a personagem de Lispector percorre o labirinto de seus pensamentos. O início de uma caminhada. À procura da linguagem renovada? Da sua existência? Rumo ao dizer, finalmente, o que se é:

Joana, a heroína do primeiro romance, interroga-se sobre sua vida e o sentido da vida em geral. A especulação por ela feita, provocada e reclamada pela própria existência, aparece como força impulsionadora, que continua o movimento da vida, revelando as suas possibilidades latentes e assumindo o risco de concretiza-las. Em Joana, o poder de refletir e a inquietude que a domina originam-se da mesma fonte. (NUNES, 2009, p. 117)

"Sentia dentro de si um animal perfeito, cheio de inconseqüências, de egoísmo, de vitalidade" (LISPECTOR, 1998, p. 18). Talvez viesse de sua animalidade o desejo obscuro, afã por liberdade, vontade de transgressão dos limites da moralidade, como um animal, que está apenas sendo, sem peso de ordem alguma. Seguir por esta "possibilidade de ser além do que se é" (LISPECTOR, 1998, p. 20). Mas sua procura é também represada, confusão que se torna o motivo de sua constante angústia. Joana procura algo e não compreende:

Como se visse alguém beber água e descobrisse que tinha sede, sede profunda e velha. Talvez fosse apenas falta de vida: Estava vivendo menos do que podia e imaginava que sua sede pedisse inundações. Talvez apenas alguns goles. (LISPECTOR, 1998, p. 19)

A sede incessante pela procura de si mesma é movida não por escolha, é paixão o que a movimenta. O ímpeto por liberdade e expressão provenientes da *paixão da existência*^[2] que envolve a personagem de Clarice configura uma ânsia de sofrimento doce e necessário, pois precisa encontrar-se de várias formas, ser então disforme por meio da criação e da imaginação consumadas pelo silêncio. Mas apenas ela o sabe. Apenas ela entende como sua felicidade pode consistir em padecer, pois: "Mesmo sofrer era bom porque enquanto o mais baixo sofrimento se desenrolava também se existia como um rio aparte" (LISPECTOR, 1998, p. 48). Doce sofrimento que a acompanhava. E ao encarar-se Joana percebia:

Quando me surpreendo ao fundo do espelho assusto-me. Mal posso acreditar que tenho limites, que sou recortada e definida. Sinto-me espalhada no ar, pensando dentro das criaturas, vivendo nas coisas além de mim mesma. Quando me surpreendo ao espelho não me assusto porque me achei feia ou bonita. É que descobro de outra qualidade. Depois de não me ver há muito quase esqueço que sou humana, esqueço meu passado e sou com a mesma libertação de fim e de consciência quanto uma coisa apenas viva. (LISPECTOR, 1998, p.68)

Ao deparar-se no espelho, perde-se entre os múltiplos reflexos escondidos dentro de si. Vê além de sua superfície definida que apenas guarda ou aprisiona os sentidos do desejo de liberdade, quer descobrir-se outra em um encontro que parte da relação consigo mesma e com as coisas, então a "identidade narcisista se transforma em alteridade" (NUNES, 1989, p. 106). Esquecer-se de sua condição humana e tudo o que por ela se constitui para, em comunhão com as criaturas, ser outra. Renovar-se sempre, reinventar o que aprendera, apesar do medo:

Era tão vulnerável. Odiava-se por isso? Não, odiar-se-ia mais se já fosse um tronco imutável até a morte, apenas capaz de dar frutos, mas não de crescer dentro de si mesma. Desejava ainda mais: renascer sempre, cortar tudo o que aprendera, o que vira, e inaugurar-se num terreno novo onde todo pequeno ato tivesse um significado, onde o ar fosse respirado como da primeira vez. (LISPECTOR, 1998, p. 80)

Quando observava os objetos, as coisas com as quais desde pequena mantinha uma relação, sentia que elas existiam. "Mesmo o que é pequeno, insignificante ou vil, oculta um enorme poder de existir" (NUNES, 2009, p. 120). Joana é capaz de compreender porque ao olhar ampliando seus sentidos, o que sempre esteve ao seu redor, podia-se deparar com a beleza de cada coisa, como um olhar a primeira vez, perscrutando-as, e de repente, mergulhada em seus devaneios de liberdade, ou simplesmente dentro de um silêncio: Arrebatado o *símbolo da coisa*, a existência exalada das coisas que apenas estão:

Surpreendia-a mesmo no que já enxergara, mas subitamente vendo pela primeira vez, subitamente entendendo que aquilo vivia sempre. Assim, um cão latindo, recortado contra o céu. Isso era isolado, não precisava de mais nada para se explicar... uma porta aberta a balançar, para lá para cá rangendo no silêncio de uma tarde... E de repente, sim, ali estava a coisa verdadeira. Um retrato antigo de alguém que não se conhece e nunca se reconhecerá porque o retrato é antigo ou porque o retrato tornou-se pó- esta sem intenção modesta provocava nela um momento quieto e bom. Também um mastro sem bandeira, erecto e mudo, fincado num dia de verão- rosto e corpo cegos. Para se ter uma visão, a coisa não precisava ser triste ou alegre ou se manifestar. Bastava existir, de preferência parada e silenciosa, para nela se sentir a marca. Por Deus, a marca da existência... mas isso não deveria ser buscado uma vez que o que existia forçosamente existia... É que a visão consistia em surpreender o símbolo das coisas nas próprias coisas. (LISPECTOR, 1998, p. 46)

Na avidez vertiginosa que deságua em súplica desesperada, Joana mergulha em si como em uma imersão ao mar que tanto anseia, e no silêncio, onde podia pensar sem interferências, "imerge na banheira como no mar" como se durante seu banho, no internato, toda angústia viesse à tona. O excesso de desejo profundo transforma-se em questionamentos que ela não consegue responder. "Ando, deslizo, continuo, continuo... Sempre, sem parar, distraíndo minha sede cansada de pousar num fim" (LISPECTOR, 1998, p. 68). Essa inquietação, sua *hybris*^[3] que a domina e subjuga impedindo-a de simplesmente viver, negava-a a "fruição pura e simples da vida" (NUNES, 1987, p. 20). Pois: "que importa afinal: Viver ou saber que está vivendo?" (LISPECTOR, 1998, p. 69).

Um dia virá em que todo meu movimento será criação, nascimento, eu romperei todos os nãos que existem dentro de mim, provarei a mim mesma que nada há a temer, que tudo o que eu for será sempre onde haja uma mulher com o meu princípio, erguerei dentro de mim o que sou um dia, a um gesto meu minhas vagas se levantarão poderosas, água pura submergindo a dúvida, a consciência, eu serei forte como a alma de um animal e quando eu falar serão palavras não pensadas e lentas, não cheias de vontade e humanidade. (LISPECTOR, 1998, p. 201).

Abandona-se tomada pelo desejo de liberdade advindo de sua *paixão*. Entre as sensações iniciadas na infância, a ânsia por descortinar a eternidade, embora finita, sabia que somente ao final de sua busca encontraria a imortalidade. Lança-se num recomeço, a renovação que a leva a uma nova procura pela palavra libertária, sem marcas de humanidade, partir talvez fosse o recomeço, mas o recomeço estava aquém de seu espaço, ou do tempo, nascia dentro de Joana, a certeza de tornar possível suas impossibilidades, de ir seguindo em direção de si mesma, porque Joana bem o sabe: "é preciso não ter medo de criar." (LISPECTOR, 1998, p. 18).

ÂNGELA OU O ESCRITOR

"-Escrever- eu arranco as coisas de mim aos pedaços como o arpão fissa a baleia e lhe estraçalha a carne... (...) nem sei como começar. Só sei que vou falar no mundo das coisas, eu juro que a coisa tem aura." (LISPECTOR, 1999, P. 102-103).

Ângela Pralini é uma das últimas personagens de Clarice, a personagem que nasce pelas mãos de um escritor. Um escritor que, como Rodrigo S.M. de Macabéa, vive as divagações de Clarice a respeito da escrita, ele sente que "cada livro é sangue, é pus, é excremento, é coração retalhado, é nervos fragmentados, é choque elétrico, é sangue coagulado escorrendo como lava fervendo pela montanha abaixo." (LISPECTOR, 1999, P. 96).

Clarice, em toda sua escrita-pintura, vive e sente a arte como essa violência da qual não se poderia esquivar, uma violência, um desassossego do qual necessitava para sentir viver. Nesta obra, Lispector tenciona o limiar da escrita e da existência. Procura pensar a condição da própria escrita enquanto tateia um espaço em que, ela mesma, não sinta que "estou com a impressão de que ando me plagiando um pouco" (LISPECTOR, 1999, p.) talvez, com este sopro de vida, Clarice buscava a renovação da própria palavra, além do que pudessem dizer. Dizer, então, com as vísceras da palavra, uma literatura como lava fervendo pela montanha abaixo.

Um primeiro movimento do escritor nasce das inquietações da autora, um ímpeto de escrita que a acompanhara por toda sua existência:

"Eu queria escrever um livro. Mas onde estão as palavras? Esgotaram-se os significados. Como surdos e mudos comunicamo-nos com as mãos. Eu queria que me dessem licença para eu escrever ao som arpejado e agreste a sucata da palavra. E prescindir de ser assim: poluição. (LISPECTOR,

Inaugurar então em sua escrita, uma escrita outra, nesse movimento de esvaziar-se de si mesma. O autor então tateia o começar de sua escrita. Clarice lança, então a discussão, à crítica, a uma falsa inspiração, e por isso, fosse necessária a morte, o desaparecimento da autora, o nascimento de um outro eu que escreve e que faz nascer, faz nascer Ângela, fazer nascer a palavra livre das falsas inspirações, dos julgamentos e dos excessos de enquadramentos, a palavra capaz de fazer fabular, fazer nascer da fabulação um outro eu, o eu na multiplicidade. Eu Ângela, eu autor, eu Clarice, eu devir:

Devo imaginar uma história ou dou largas à inspiração caótica? Tanta falsa inspiração. E quando vem a verdadeira e eu não tomo conhecimento dela? Será horrível demais querer se aproximar dentro de si mesmo do límpido eu? Sim, e é quando o eu passa a não existir mais, a não reivindicar nada, passa a fazer parte da árvore da vida — é por isso que luto por alcançar. Esquecer-se de si mesmo e no entanto viver tão intensamente. (LISPECTOR, 1999, p. 14)

Mas antes, há que se esvaziar... esvaziar-se e habitar o silêncio, a fazer nascer a palavra talvez, o silêncio em Clarice, é plenitude, é o estilhamento por onde se cala a fim de não entender, pois é deste não sentido que brota a escrita caótica da autora. É o silêncio, no silenciar que habita a pulsação da vida que explode nas palavras:

Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras — quais? talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo. (LISPECTOR, 1999, p. 15)

Nos interstícios da desterritorialização da escrita a personagem ganha vida. "Difícil descrever Ângela, ela é apenas uma atmosfera, ela é apenas um jeito de ser" (LISPECTOR, 1999, p.20). Ângela, o autor, Clarice. Rizomas. Em Ângela nos é permitido problematizar espaços da escrita feminina, partir das nuances de Clarice ao jogar consigo mesma na personagem do autor, e depois enquanto Ângela que se despe e ganha vida independente de quem a criou. A personagem escritora. A escritora personagem. O ideal de Ângela é pintar um quadro de um quadro, com Ângela, Clarice traz para sua escrita as divagações acerca da pintura, dá indícios de suas criações e entrelaça a potência da escrita à potência da pintura:

Meu ideal seria pintar um quadro de um quadro. Vivo tão atribulada que não aperfeiçoei mais o que inventei em matéria de pintura. Ou pelo menos nunca ouvi falar desse modo de pintar: consiste em pegar uma tela de madeira — pinho de riga é a melhor — e prestar atenção às suas nervuras. De súbito, então vem do subconsciente uma onda de criatividade e a gente se joga nas nervuras acompanhando-as um pouco —mas mantendo a liberdade. Fiz um quadro que saiu assim: um vigoroso cavalo com longa e vasta cabeleira loura no meio de estalactites de uma gruta. É um modo genérico de pintar. E, inclusive, não se precisa saber pintar: qualquer pessoa, contanto que não seja inibida demais, pode seguir essa técnica de liberdade. E todos os mortais têm subconsciente. Ah, meu Deus, tenho esperança adiada. O futur o é um passado que ainda não se realizou. (LISPECTOR, 1999, p.53)

Essa pulsação da arte como liberdade em Clarice aparece em *Um sopro de vida* e desagua num livro singular, que transgrede e desafia as normas da escrita, a literatura enquadrada. Nesta obra, a autora despe-se na pele de uma personagem sem nome, sem identidade, vestida somente de sua escrita livre e não definida, mergulha infinitamente na arte da escrita, na arte da pintura, onde imagem e palavra, em linhas à deriva, se entrecruzam no último suspiro clariceano, em que não mais separava-se o ler, o escrever o pintar. Arte rizoma em água viva. Ângela Pralini, um movimento impetuoso e violento de Clarice ao revolver com força o que perseguira durante toda sua escritura, desagua em a pintora.

Com Ângela, Lispector nos deixa pistas de seu devir pintora: por ela, nos alude ao seu quadro: "Estou pintando um quadro com o nome de "Sem Sentido". São coisas soltas — objetos e seres que não se dizem respeito, como borboleta e máquina de costura" (LISPECTOR, 1999, p. 24). Eis a obra pintada por Clarice em 1975:

Imagem 2

Clarice Lispector. *Caos, metamorfose e sem sentido*, 1975

A PINTORA

Água viva! Escrever uma carta e jogá-la ao mar. Escrever as palavras abnegadas destas linhas imprecisas que Clarice entregou aos leitores na mulher que escreve à deriva. Aqui a pintura e a escrita se miscuem. Trazemos com a personagem de *Água viva* a dimensão da liberdade da arte. Trânsito entre sensações e as desconstruções que a arte produz, transitar então no que não foi dado. Sente aqui a *eletricidade da vibração* das palavras, sente "o substrato último do domínio da realidade" (LISPECTOR, 1998b p.4) escrever com a alma, o sangue, a cor, nos limites:

Escrevo-te toda inteira e sinto um sabor em ser e o sabor-a-ti é abstrato como o instante. É também com o corpo todo que pinto os meus quadros e na tela fixo o incorpóreo, eu corpo-a-corpo comigo mesma. Não se compreende música: ouve-se. Ouve-me então com teu corpo inteiro. Quando vieres a me ler perguntarás por que não me restrinjo à pintura e às minhas exposições já que escrevo tosco e sem ordem. É que agora sinto necessidade de palavras- e é novo para mim o que escrevo porque minha verdadeira palavra foi até agora intocada. A palavra é minha quarta dimensão. (LISPECTOR, 1998b, p.6)

A Pintora não se apresenta, inicia casualmente a contar sobre suas experimentações com a escrita, com a pintura, com a vida; ela conta de si

em processos de acontecimentos dentro destes movimentos que produz na arte, no *dever* do próximo instante. Uma carta à deriva jogada ao mar é o que Clarice escreve na alma de sua personagem pintora que, desnudada, em forma de uma prosa sem capítulos ou pausas estruturadas, nos lança à imersão.

Nesta obra, Clarice entremeia escrita e pintura, escreve como corpo todo. Evidencia então a necessidade da arte... a escritura, a pintura, a imagem de contornos imprecisos, de linhas que se tecem em curvas coloridas, caóticas, expressões do sem sentido. Fabulações do irreal na arte Clariceana que se expande além da palavra, pintar é então a sua nova procura. Mas adverte ao leitor: "Também tenho que te escrever porque tua seara é a das palavras discursivas e não o direto de minha pintura" (LISPECTOR, 1998b, p. 11).

A pintora vai divagando entre a escrita e a pintura, como se Clarice estivesse contando ao seu leitor as sensações, as questões que se embrincam na alma da escritora o que ambas, a escritura e a pintura, lhe provocam enquanto matéria de fabulação da vida, no limiar da palavra, entre os limites da arte enquanto potente experimentação da vida:

Ao escrever não posso fabricar como na pintura, quando fabrico artesanalmente uma cor. Mas estou tentando escrever-te com o corpo todo, enviando uma seta que se finca no ponto tenro e nevrálgico da palavra. (LISPECTOR, 1998b, p. 12)

Agora ela divaga acerca da pintura. Pintar o inalcançável, assim como escreve na tentativa de atingir o inatingível, ampliar suas possibilidades de alcançar a si? Pintar então, é mergulhar no desconhecido de si mesma, para além das formas, das cores, do próprio ser que se despe de si no momento mesmo de criação? Pois diz a pintora: "Não pinto ideias, pinto o mais inatingível "para sempre". Ou "para nunca", é o mesmo. Antes de mais nada, pinto pintura, e antes de mais nada te escrevo dura escritura." (LISPECTOR, 1998b, p. 12).

Clarice adentrava ao desconhecido de todos os universos para esvaziar-se de si, para pôr à prova o que havia recebido do mundo, das coisas que possuíam aura, dos medos mesmo de suas personagens; seus livros (principalmente estes dois últimos) trazem fragmentos de sua vida mais latentes, da sua relação direta de vida e renascimento com a pintura, neles é possível sentir as impressões da própria autora a respeito do que pintava como nesta passagem em que comenta da obra "interior da gruta":

Imagem 3

Quero pôr em palavras, mas sem descrição e existência a gruta que faz algum tempo pinte-i e não sei como (...) e se muitas vezes pinto grutas é que elas são o meu mergulho na terra, escuras, mas nimbadas de claridade, e eu, sangue da natureza-grutas extravagantes e perigosas, talismã da terra, onde se unem estalactites, fósseis e pedras. E onde os bichos que são doidos pela sua própria natureza maléfica procuram refúgio. As grutas são meu inferno. (LISPECTOR, 1998b, p. 14-15)

Clarice Lispector. O interior da gruta, 1975

Estampada em suas telas, Clarice parece tentar traduzir ou evidenciar o que a palavra não alcança. Reproduz as sensações mais inquietas, seus medos, suas angústias. Suas telas são a própria escritora expandindo suas possibilidades de criação. Suas cores fortes, suas linhas inexatas parecem procurar algo, parecem dizer, e dizem. O que nos bradam estas cores? Talvez dependa do quanto de abertura e recepção entregamos a elas, depende de deixar-nos atravessar e sentir o que nos toca. Depende como os sentidos estão imersos em nós. Somos multiplicidade? Lispector o é.

DESVIOS FINAIS

Após seguirmos nas veredas deste artigo, reiteramos a potência da dimensão poética da arte para experimentar e sentir um pensar sobre o existir e sobre nossas relações com o outro e o mundo. Assim, pensamos Joana, Ângela e pintora como personagens por qual Clarice potencializa as questões do escrever, do pintar, do viver a arte como uma relação direta com a vida. E buscamos provocar um pensar a respeito do que pode suscitar arte como movimento criador, pela qual pode problematizar as questões em torno do próprio processo de formação na educação básica. Lispector faz de sua escrita um problematizar da arte enquanto algo que nos constitui. Desta forma, nos faz pensar que arte queremos, que vida pretendemos e que educação desejamos.

Pela escrita clariceana, nasceram inquietações e questionamentos antes impensáveis. Seus livros e suas pinturas trazem questões que podem fazer pensar os diferentes contextos em que estamos inseridos cotidianamente, inclusive o escolar e acadêmico no que tange à arte, pois, a partir das situações criadas pela autora vimos um movimento de recriação cada experimentação de Clarice pelas personagens frente ao que se aprende, se vive e se sente; a partir das suas experiências podemos problematizar a educação enquanto linguagem banalizada e renovar a linguagem do viver e do aprender. A escrita clariceana instiga a desautomatizar nossas percepções e sentir o que a arte nos passa, e o que provoca a arte é o viver experiências singulares que conduzam aos múltiplos sentidos.

Quanto a Clarice, talvez suas expressões, em palavras ou tintas, sejam diálogos que a autora tecia consigo, onde punha toda a inquietação que partia de si para o mundo enquanto relação e condição e do mundo para si, porque questionava o viver. Suas obras são permeadas pelas inquietudes do pensar que a acompanham por toda a saga artística, ao buscar compreender a si mesma na sua complexidade existencial composta pela Clarice criança, Clarice menina, Clarice filha, Clarice mãe, Clarice amante, Clarice escritora. Clarice pintora, Clarice em busca... a percorrer as palavras e as cores para desbravar as multiplicidades emanadas dos abismos do devir-mulher a atravessar os limiares dos devires, da vida e da morte, por entre suas palavras, suas cores e as fisionomias turvas de suas mulheres.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G e GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** v.1. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995.

GALLO, Silvio. *Deleuze & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

IANANCE, Ricardo. **Retratos em Clarice Lispector**: literatura, Pintura e Fotografia. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

ALMEIDA, Joel Rosa de. **A Experimentação do grotesco em Clarice Lispector**. São Paulo: Editora Nankin, 2004.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Tradução de Alfredo Veiga-Neto, 3ª ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

_____. **Linguagem e educação depois de babel**. Tradução de Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b

_____. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999

_____. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: A noite, 1969.

_____. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a

NUNES, Benedito. **O dorso do tigre**. 3ª ed. – São Paulo: Ed. 34, 2009.

_____. **O drama da linguagem**: Uma leitura de Clarice Lispector, São Paulo: Ática S.A. 1989.

PASSOS, E; KASTRUP, V; TEDESCO, Silvia (org.). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum – Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, Liliãna (org.). **Pistas do Método da Cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. – Porto Alegre: Sulina, 2015.

SOUSA, Carlos Mendes. **Clarice Lispector: pinturas**. Rio de Janeiro: Rocco. 2013.

[1] Termo utilizado por Nunes em *O Drama da linguagem* (1989), referindo-se à identidade que cada indivíduo constrói de si mesmo pelas palavras.

[2] Cf. Nunes, (1989).

[3] De acordo com Nunes (1989, p. 20), "Hybris tem o sentido de culpa trágica, resultante de um excesso, de uma desmesura", nesse sentido, Joana atira-se involuntariamente à sua inquietude configurada pela desmesura que brota da *paixão da existência*.